

Orígenes: O Deus único e finito

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Neste texto trataremos da teologia natural de Orígenes. Antes de tudo, discorreremos sobre a sua defesa da unicidade de Deus. A seguir, arrazoaremos acerca dos seus argumentos no que concerne à imaterialidade divina. Posteriormente, coligiremos os seus argumentos sobre a transcendência divina. Falaremos ainda do modo como, segundo ele, conhecemos a Deus por meio das suas criaturas. Finalmente, apresentaremos as suas considerações acerca da onipotência divina.

O nosso aporte teórico serão as obras: *Contra Celso*, trazida ao vernáculo por Orlando Reis e editada pela Paulus, *Os Princípios*, traduzida por Giovanni Reale, e publicada também pela Paulus no volume II, *Patrística e Escolástica*, da *História da Filosofia* do referido tradutor, escrita em parceria com Dario Antiseri. Também servirá de referencial teórico da nossa abordagem a obra de Étienne Gilson em parceria com Philotheus Boehner: *História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa* (1951) —, trazida ao vernáculo pelo Prof. Raimundo Vier, em 1970, a partir da edição alemã: *Christliche Philosophie – von ihren Anfaengen bis Nikolaus von Cues* (1952 a 1954).

Passemos a considerar a unicidade de Deus.

1. A unicidade de Deus

Orígenes não via a necessidade de se demonstrar a existência de Deus.¹ Para ele, a ideia de Deus está impressa: tanto nas mentes mais rudes quanto nas mais eruditas.² Restava-lhe, desta feita, tão somente demonstrar a unicidade de Deus.³ Mas defender o monoteísmo não se lhe afigurava uma tarefa difícil, já que a própria razão nos atesta que há um só Deus.⁴ De fato, o universo se nos apresenta de um modo tão harmoniosamente ordenado à unidade, que se nos parece mesmo impossível que tenha provindo de vários deuses. Assim sendo, forçoso é reconhecer que a unidade do mundo nos remete à unidade de Deus.⁵

Constitui-se uma grande falácia a tese gnóstica segundo a qual o mundo provinha de dois deuses: o do *Antigo Testamento* – que é justo, mas não bondoso – e o do *Novo Testamento*, que é bondoso, mas não justo. Com efeito, Orígenes alude ao fato de que a bondade e a justiça de forma alguma são incompatíveis.⁶

Passemos à análise da imaterialidade divina.

2. A imaterialidade divina

A imaterialidade divina é outro foco de especulação do nosso filósofo. De fato, as *Sagradas Escrituras*, ao menos para aqueles que a interpretam ao pé da letra, suscitam dúvidas quanto a isso, por atribuírem a Deus nomes que o revestem de certa materialidade. É mister, por conseguinte, que consigamos compreender estes nomes de forma espiritual, a fim de não reduzirmos Deus a realidades indignas d’Ele.⁷ Ora, o espírito humano, a princípio,

¹ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 56.

² *Idem. Op. Cit.*: “Este (Deus) encontra-se profundamente arraigado na mentalidade do povo simples, e até mesmo na de muitos eruditos.” (O parêntese é nosso).

³ *Idem. Op. Cit.*: “Limitava-se a provar-Lhe a unicidade contra o politeísmo.”

⁴ *Idem. Op. Cit.*: “Para Orígenes, ao contrário, a razão conduz inexoravelmente ao monoteísmo.”

⁵ ORÍGENES. **Contra Celso**. 2ª ed. Trad. Orlando Reis. São Paulo: Paulus, 2004. I, 23: “Quanto mais eficaz e superior a todas essas fantasias é a persuasão, pelo que é visível, da boa ordem do mundo e a adoração do artífice único de um mundo que é uno, em harmonia com a realidade total; que, portanto, não pode ser obra de diversos demiurgos, nem ser mantido por diversas almas que movem a totalidade do céu.”

⁶ A respeito da inexistência de um outro deus que se oporia ao Deus do *Novo Testamento*, vide: ORÍGENES. **Contra Celso**. VIII, 11: “Portanto, em Deus não há facções nem um outro deus seu adversário (...)”.

independe de todo e qualquer espaço para existir e agir.⁸ Contudo, temos que reconhecer, por exemplo, que um marinheiro, diante de um mar tempestuoso, sente exaurirem-lhe as forças ante o alvoroço das ondas. Isto se deve ao fato de o homem ser um animal composto de corpo e alma. Desta feita, pela própria constituição física do homem, o espaço acaba exercendo – ainda que indiretamente – certa influência sobre a alma, pois o corpo humano foi feito para viver em terra firme.⁹ Deus, porém, diferentemente do homem, não possui corpo. Logo, de maneira alguma – nem direta, nem indiretamente – está submetido a qualquer espaço.¹⁰ Portanto, a atuação de um espírito puro independe da dimensão corporal.¹¹ Se o olho humano cresce ou diminui na medida em que assimila uma grandeza maior ou menor, o espírito, ao contrário, não obedece às dimensões corporais, porque não está sujeito a elas. O espírito só se desenvolve com o conhecimento e a prática das virtudes.¹² Ele é capaz de apreender coisas incorpóreas e invisíveis, tais como as verdades reveladas.

Agora bem, como o espírito – supondo que este fosse uma natureza corporal – seria capaz de apreender coisas totalmente incorpóreas?¹³ Todavia, ele não é corporal, a menos que alguém seja capaz de apontar a forma ou a cor de um espírito!¹⁴ Destarte, cumpre admitir que o espírito humano – como qualquer espírito enquanto tal – é incorpóreo. Ora bem, os argumentos pelos quais Orígenes fundamenta a imaterialidade divina, partem justamente da imaterialidade do espírito humano.¹⁵ Mas a natureza humana – conquanto seja animada por um espírito imaterial – é composta, na verdade, de alma e corpo. A natureza divina, ao contrário, é simples e se identifica com o espírito.¹⁶ De modo que, como ser absolutamente simples, Deus transcende todo o espírito humano. Ele não é: nem parte e nem todo, visto que estas características são próprias das naturezas corpóreas. De fato, em não sendo Deus imperfeito, não pode ser parte, pois a parte é sempre imperfeita. Não pode sequer ser todo,

⁷ *Idem. Ibidem. I, 24*: “Portanto, aquele que possui de tudo isso uma compreensão nobre, ainda que restrita, terá o cuidado de adaptar exatamente cada nome a cada realidade, a fim de evitar sempre a infelicidade daqueles que aplicam erradamente o nome de Deus à natureza inanimada, ou que rebaixam a designação de Bem, Causa Primeira, virtude ou bondade à riqueza cega, ao equilíbrio da carne, do sangue e dos ossos que proporcionam saúde e bem-estar, ou àquilo que vemos como a nobreza no nascimento.”

⁸ BOEHNER, GILSON. *Op. Cit.* p. 57.

⁹ *Idem. Op. Cit.*: “(...) o homem é composto de corpo e alma (...), cujo lugar natural é a terra firme, dada a sua constituição física.”

¹⁰ *Idem. Op. Cit.*: “Deus, ao contrário, é absolutamente simples; não se compõe de matéria e espírito, e por isso não depende de nenhum lugar.”

¹¹ *Idem. Op. Cit.*

¹² *Idem. Op. Cit.*

¹³ *Idem. Op. Cit.* p. 57 e 58: “Como poderia uma natureza corporal dispor de uma faculdade das ciências, ou apreender as revelações divinas: coisas indubitavelmente incorpóreas?”

¹⁴ *Idem. Op. Cit.* p. 58.

¹⁵ *Idem. Op. Cit.*: “A partir da imaterialidade do espírito, Orígenes prova a imaterialidade de Deus.”

¹⁶ *Idem. Op. Cit.*

pois o todo é sempre feito de partes.¹⁷ Além disso, por ser incorpóreo – puro espírito – Deus escapa a todo o lugar e a todo o espaço.¹⁸

Passemos a considerar a transcendência divina.

3. A transcendência divina

Sem embargo, por ser espírito puro, Deus transcende também todas as realidades corpóreas, inclusive as compostas simultaneamente de matéria e espírito. Outrossim, sendo absolutamente simples, as nossas forças cognoscíveis permanecerão sempre aquém dEle.¹⁹ Nós, homens, somos compostos de espírito e corpo. Destarte, por mais que consigamos abstrair-nos da nossa sensibilidade, estaremos sempre presos ao nosso corpo²⁰, o que nos dificulta alcançarmos as realidades puramente espirituais.²¹ Assim, então, todo conhecimento que transcende o corporal, custa-nos um esforço redobrado.²² Sendo assim, só com muita dificuldade, percebemos a incorporeidade do nosso próprio espírito. Onde não estarmos em condições de conhecer a suma imaterialidade e simplicidade de Deus.²³ Passemos a considerar o modo pelo qual conhecemos a Deus a partir das suas criaturas.

¹⁷ ORÍGENES. *Contra Celso*. I, 23: “Todas as coisas são partes do mundo, mas Deus não é parte do todo; pois Deus não deve ser imperfeito como a parte é imperfeita. Mas, sem dúvida raciocínio mais profundo haveria de mostrar que, no rigor dos termos, Deus não é mais todo, nem é mais parte, porque o todo é feito de partes.”

¹⁸ BOEHNER, GILSON.

¹⁹ *Idem. Op. Cit.* p. 58: “A espiritualidade de Deus é o fundamento de sua transcendência em relação ao mundo sensível, e sua absoluta simplicidade o situa muito acima das forças de nosso espírito.” ORÍGENES. *Os Princípios*. I, 1, 5-6. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 52: “Afirmamos que na sua realidade Deus é incompreensível e imperscrutável. Ainda que possamos pensar e compreender alguma coisa de Deus, devemos crer que ele seja de longe superior àquilo que dele pensamos.”

²⁰ Quanto à concepção segundo a qual o homem seja, em última instância, uma alma que se serve de um corpo, Orígenes é muito claro: ORÍGENES. *Contra Celso*. 7, 38: “Portanto, o homem, quer dizer, a alma que se serve de um corpo, chamada “homem interior” (Rm 7, 22).”

²¹ BOEHNER, GILSON. *Op. Cit.*

²² *Idem. Op. Cit.* pp. 58 e 59: “Embora seja capaz (O nosso espírito) de transcender a natureza corporal, a apreensão das coisas incorporais não deixa, contudo, de custar-lhe um grande esforço.”

²³ ORÍGENES. *Os Princípios*. I, 1, 5-6. In REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 52 e 53: “Analogamente, quando nossa inteligência está fechada na estreiteza da carne e do sangue e se torna mais tarda e obtusa pelo contato com esta matéria, mesmo que no confronto com a matéria corpórea seja de longe superior, todavia, quando tende às realidades incorpóreas e procura compreendê-las, tem a custo o valor de uma centelha ou de uma lamparina. Mas, entre as realidades intelectuais, ou seja, incorpóreas, o que é tão superior a todos, tão inefavelmente e inestimavelmente excelente quanto Deus? Por isso a natureza dele não pode ser compreendida pela capacidade da mente humana, mesmo que seja a mais pura e a mais límpida.”

4. O conhecimento de Deus mediante as criaturas

Contudo, ainda que não possamos conhecer a Deus nEle mesmo, podemos ter algum conhecimento da sua natureza – embora mui imperfeito – através das suas criaturas.²⁴ Primeiramente podemos obter tal conhecimento mediante enunciados negativos, que visam a afastar de Deus todo e qualquer elemento corporal próprio dos seres criados.²⁵ Alguns destes enunciados são: Deus é imaterial, “não-composto”, invisível, etc.

Há, porém, outra maneira de conseguirmos chegar até Deus: é através de *enunciados puramente espirituais*. Obtemos estes enunciados por meio de uma atenta observação do nosso próprio espírito, que tem certa afinidade com a divindade.²⁶ Orígenes faz notar a favor desta certa afinidade do nosso espírito com Deus, que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e que esta imagem e semelhança residem na sua alma racional: “(...) Deus fez o homem à sua imagem e de forma semelhante à sua. (...) declaramos que o que é à imagem de Deus é conservado na alma racional que é tal pela virtude”²⁷. Todavia, também estes enunciados não expressam adequadamente o que Deus é, pois Ele ultrapassa não só o nosso espírito, mas todos os espíritos criados. A respeito da absoluta transcendência de Deus com relação a todos os nossos enunciados, acentua Orígenes: “Pois os atributos de Deus são superiores a tudo o que é conhecido não só pela natureza do homem, mas também pela dos seres que a ultrapassam”²⁸. De maneira que Deus é espírito, mas está além do espírito²⁹; Deus é sabedoria, mas está acima dela; Deus, sendo vida, está além da vida; sendo o próprio ser, o transcende também³⁰. Ele chega a concordar com Celso, quando este diz que Deus não pode ser nomeado. Na verdade, nenhuma das nossas expressões é capaz de expressá-IO em si mesmo.³¹ Entretanto, aduz nosso filósofo, tais expressões – embora sendo débeis – têm o seu

²⁴ BOEHNER, GILSON. *Op. Cit.* p. 59: “Embora a plenitude da luz divina nos permaneça inacessível, podemos todavia captar-lhe alguns raios atenuados, feitos visíveis nas criaturas.”

²⁵ *Idem. Op. Cit.*: “Os enunciados negativos referem-se a todas as propriedades corporais incompatíveis com a natureza divina (...)”.

²⁶ *Idem. Op. Cit.*: “Os enunciados superlativos dizem respeito às propriedades puramente espirituais; conhecemo-las mediante o nosso espírito, graças à sua afinidade com Deus.”

²⁷ ORÍGENES. *Contra Celso*. VII, 66.

²⁸ *Idem. Ibidem*. VI, 62.

²⁹ *Idem. Ibidem*. VII, 38: “Ao dizer que o Deus do universo é espírito, ou que está além do espírito e da essência (...)”.

³⁰ *Idem. Ibidem*. VI, 64: “É verdade que Deus não participa do ser.”

papel. Elas podem levar o ouvinte a compreender – na medida das suas capacidades – algo dos atributos divinos³², e, destarte, encaminhá-lo à contemplação do Deus inominável.³³

Passemos à análise da onipotência divina.

5. A onipotência divina

Deus é onipotente. Ele pode tudo. Todavia, Orígenes delimita este “tudo”³⁴, pois Deus nada pode fazer que seja contrário à razão e a Ele mesmo.³⁵ Além do mais, Deus não pode fazer nada que seja vergonhoso, pelo simples fato de que, se o fizesse, não seria Deus.³⁶ Além disso, jamais Deus poderia negar-se a si mesmo.³⁷ Ademais, não poderá nunca agir contrariamente à natureza das coisas.³⁸ Não obstante, pode, por exemplo, elevar o homem a uma condição superior e divina. De fato, tal elevação não se opõe à natureza humana; antes, sobrelevando-a e transfigurando-a, torna-a mais perfeita. De resto, tal elevação Deus pode não somente realizá-la como também manter o homem nela, desde que este lhe mostre, por suas ações que, de fato, deseja isso.³⁹

Agora bem, o ilimitado é, *ipso facto*, ininteligível.⁴⁰ Sendo assim, Deus não poderia ter criado um número infinito de criaturas⁴¹, pois isto seria ir contra a sua própria inteligibilidade.

³¹ *Idem. Ibidem.* VI, 65: “Impõe-se também uma distinção acerca de sua observação: *Ele não pode ser chamado pelo nome*. Se ele quiser dizer que nenhuma das descrições por meio de palavras ou expressões pode mostrar os atributos de Deus, a afirmação é verdadeira, pois um bom número de qualidades não pode ser chamado pelo nome”.

³² *Idem. Ibidem.*: “Mas se dizemos que ele pode ser chamado pelo nome no sentido de que podemos indicar alguma coisa de seus atributos para guiar o ouvinte e levá-lo a compreender sobre Deus, na medida em que Deus é acessível à natureza humana, alguns de seus atributos, nada há de absurdo em se dizer que ele pode ser chamado pelo nome.”

³³ BOEHNER, GILSON. *Op. Cit.* p. 59: “E ainda que não nos manifestem a própria fonte da luz (Deus), estes reflexos (os nomes que tomamos das criaturas) nos reconduzem e orientam para ela (...)”.

³⁴ ORÍGENES. *Contra Celso*. V, 23: “Não recorremos à mais absurda evasiva: tudo é possível para Deus; pois sabemos entender a palavra ‘tudo’ sem incluir nela o que não tem existência ou não é concebível.”

³⁵ *Idem. Ibidem.* V, 24: “E igualmente para nós, Deus nada pode fazer nem contra a razão nem contra si mesmo.”

³⁶ *Idem. Ibidem.* V, 23: “Concordamos assim que Deus nada pode fazer de vergonhoso, pois então Deus não poderia ser Deus (...)”.

³⁷ *Idem. Ibidem.* V, 24: “(...) Deus nada quer que não lhe convenha ou que tenda a negar que ele seja Deus (...)”.

³⁸ *Idem. Ibidem.* V, 23: “(...) Deus nada quer de contrário à natureza, nem o que provém da malícia, nem aquilo que é contrário à razão.”

³⁹ *Idem. Ibidem.*: “(...) Deus faz certas coisas acima da natureza: como promover o homem acima de sua natureza, transformá-lo numa natureza superior e divina e mantê-lo nela na medida em que o homem assim mantido prove por seus atos que ele quer isso.”

⁴⁰ BOEHNER, GILSON. *Op. Cit.* p. 60: “(...) a ilimitação como tal é ininteligível.”

⁴¹ *Idem. Op. Cit.*: “Deus também não pode criar uma multidão infinita de coisas.”

Além disso, a própria Bíblia diz que Ele tudo criou com ordem, número e peso, e isto demonstra que a própria estrutura da criatura indica que Deus não poderia criar – mesmo com toda a sua perfeição⁴² - um número infinito de seres.⁴³ Se o poder de Deus fosse ilimitado, seria irracional, pois o ilimitado também é ininteligível.⁴⁴ Igualmente a Providência não poderia velar por todas as criaturas se estas fossem criadas sem um número determinado.⁴⁵ Destarte, a própria ordem e harmonia do mundo, bem como o controle de todas as coisas por Deus através da sua Providência, anunciam e pressupõem que Ele fez tudo limitado, a fim de que tudo pudesse ser governado: “(...) Deus limitou-se a criar um número susceptível de ser ordenado e governado”⁴⁶.

Passemos às considerações finais deste artigo.

Conclusão

Orígenes julga desnecessário provar a existência de Deus, visto que todos a reconhecem. Ele se preocupa, antes, em combater o politeísmo, tentando demonstrar a unicidade do Deus cristão. Ademais, procura, através de agudas observações, provar a imaterialidade de Deus a partir da imaterialidade do espírito humano. A transcendência de Deus, para Orígenes, fundamenta-se na Sua espiritualidade.

Além disso, apesar de a essência divina em si mesma ser incognoscível para nós, podemos ter dela algum conhecimento através das suas criaturas. Existe, desta sorte, uma *teologia negativa* que consiste em eliminar todo elemento corporal da natureza divina. Existe, também, uma *teologia superlativa*, que ressalta a transcendência de Deus, atribuindo-Lhe conceitos puramente espirituais, cujo significado, no entanto, nos permanece velado.

Orígenes revela as raízes helenísticas do seu pensamento, sobretudo na sua maneira de entender a onipotência divina. Esta, segundo ele, é limitada, pois Deus nada pode fazer contra

⁴² Melhor seria dizer que Orígenes – seguindo o seu espírito helênico – não considerava o infinito como uma perfeição. Portanto, na sua concepção, exatamente por Deus ser a suma perfeição é que Ele não poderia criar um número ilimitado de coisas.

⁴³ *Idem. Op. Cit.*: “Donde se segue que tanto o ser criado como a perfeição divina exigem que a criação seja limitada ou finita.”

⁴⁴ *Idem. Op. Cit.*: “O poder de Deus apresenta-se como intrinsecamente determinado e limitado; com efeito, se fosse ilimitado, ele permaneceria ininteligível ao próprio Deus (...)”.

⁴⁵ *Idem. Op. Cit.*: “Além disso, a Providência divina seria incapaz de velar por um número infinito de criaturas.”

⁴⁶ *Idem. Op. Cit.*

si mesmo, contra a razão ou contra a natureza que Ele mesmo criou. Tal concepção procede, claramente, da noção negativa que os gregos tinham da infinitude e do ilimitado.

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 56 a 60.

ORÍGENES. **Contra Celso**. 2^a ed. Trad. Orlando Reis. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Os Princípios**. In REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2^a ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 52 e 53.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.